

1824), *C. pyrrhopogon* (Wied, 1824) e *C. quadricarinatus* (Boie, 1827) por Bailey (1955); *C. scurrulus* (Wagler, 1824) e *C. exoletus* (Linnaeus, 1758) por Hoge & Nina (1964:72) e Hoge, Romano & Cordeiro (1976/77:41).

O trabalho fundamental sobre *Chironius* ainda é o de Bailey (1955), onde o autor definiu as espécies do leste do Brasil, Paraguai e Argentina. Foram estabelecidos padrões morfológicos para sete espécies, das quais uma descrita como nova (*C. foveatus*). A chave elaborada para identificar estas espécies, bem como as tabelas dos caracteres merísticos (folidose dorsal e ventral, dentes maxilares e escudos cefálicos), são claros e de grande utilidade para o reconhecimento das espécies do gênero.

Selecionamos para este trabalho, 379 exemplares entre outros existentes na coleção. A análise foi feita em jovens e adultos. A totalidade dos espécimes procedem do Pará, Maranhão e Território do Amapá. Mas, para análises comparativas, foram incluídos alguns indivíduos coletados no Amazonas, norte de Mato Grosso (Rio Aripuanã, cachoeira Dardanelos) e Território de Roraima, conservados na Herpetologia do Museu Emílio Goeldi, além de exemplares também examinados nas coleções do I. Butantan e Museu Nacional, posteriormente à conclusão do trabalho original.

A seguir as espécies e os exemplares estudados:

- C. carinatus*, 38 exemplares = 27 ♂ e 11 ♀;
- C. exoletus*, 157 exemplares = 69 ♂ e 88 ♀;
- C. flavolineatus*, 2 exemplares = 1 ♂ e 1 ♀;
- C. fuscus*, 77 exemplares = 40 ♂ e 37 ♀;
- C. multiventris*, 76 exemplares = 48 ♂ e 28 ♀;
- C. scurrulus*, 29 exemplares = 19 ♂ e 10 ♀.

ANÁLISE DAS ESPÉCIES

Família COLUBRIDAE

Gênero *Chironius* Fitzinger

Chironius Fitzinger, 1826:31. Espécie tipo: *Coluber carinatus* Linnaeus 1758.

Chave para as espécies da Amazônia oriental

- 1 — 10 filias de escamas no meio do corpo 2
12 filias de escamas no meio do corpo 4
- 2 — Placa anal inteira 3
- 3 — Dentes maxilares 34 a 37, temporais normalmente 1+1; escamas ventrais 150-159, caudais
110-126 *scurrulus*
Dentes maxilares 42 a 46, temporais normalmente 1+1; escamas ventrais 140-154, caudais
115-130 *fuscus*
- 4 — Placa anal dividida 5
- 5 — Menos de 180 escamas ventrais e menos de 180 caudais 6
Acima de 180 ventrais e mais de 180 caudais 9
- 6 — Dentes maxilares menos de 30 7
Dentes maxilares acima de 30 8
- 7 — Temporais 1+2; ventrais 139-160 e caudais 120-148, dentes maxilares 26 a 30 *exoletus*
- 8 — Supralabiais 8; dentes maxilares 30 a 35; ventrais 150-162, caudais 116-133 *carinatus*
Supralabiais 9; dentes maxilares 33 a 41; ventrais 151-154, caudais 140 *flavolineatus*
- 9 — Dentes maxilares 34 a 38; 1 pré e 3 postoculares em geral; ventrais 183-193, caudais 189-201 ... *multiventris*

Chironius scurrulus (Wagler)

Matrix scurrula Wagler, 1824:24. Localidade típica: Rio Japurá.

Chironius scurrulus; Hoge & Nina, 1964:72.

DIAGNOSE — Supralabiais 9-9 usualmente (4º, 5º e 6º normalmente tocando a órbita); infralabiais 11-11 ou 10-10 usualmente (com tendência para 6 em contato com o mental anterior ou também 5). Escamas dorsais 10-10-10 normalmente lisas com ausência de carenas vertebrais; escamas laterais oblíquas. Ventrais, machos 150 a 158; fêmeas 150 a 159; caudais, machos 111 a 126 e fêmeas 110 a 115. Comprimento total 1.818 mm (corpo 1.205 mm, cauda 613 mm).

COLORIDO EM PRESERVATIVO — Dorso pardo claro, às vezes escuro, com escamas ora mais ora menos pigmentadas de pardo ou negro, irregularmente dispostas; cabeça mais escura que o corpo; ventre amarelado com ou sem manchas escuras na parte lateral. Parte anterior do corpo (pescoço) mais escurecida.

A espécie foi revalidada por Hoge & Nina (1964:72). Permaneceu antes confundida com *C. fuscus* (Linnaeus) desde os tempos de Boulenger (1894:76). Apresenta ampla distribuição no Brasil (Amazonas, Pará, Amapá, Rondônia, Minas Gerais, Maranhão). Guiana Francesa (de acordo com Gasc & Rodrigues (1980:572)), Peru (segundo Dixon & Soini (1977:41)) e Colômbia (segundo Peters & Orejas-Miranda (1970:61)). Na região oriental da Amazônia a espécie é pouco freqüente. Vive na mata primária, capoeiras, roçados, várzeas e possivelmente cerrados.

MATERIAL EXAMINADO — Amapá, 2 espécimes; Pará, 24 e Maranhão, 3. Examinamos depois no Museu Nacional um exemplar de Borba, Rio Madeira, Estado do Amazonas.

Chironius fuscus (Linnaeus)

Coluber fuscus Linnaeus, 1758 (1):222. Localidade típica: Ásia (in error).

Chironius fuscus; Bailey, 1955:19.

DIAGNOSE — Supralabiais 9-9, (4^o, 5^o e 6^o sempre tocando a órbita); infralabiais 10-10 usualmente, (normalmente 5 em contato com o mental anterior). Escamas dorsais comumente 10-10-10 com duas filas de escamas carenadas que se estendem até o ânus ou pouco adiante (muito acentuadas nos machos); escamas laterais oblíquas. Ventrals, machos 144-154, fêmeas 142-152; caudais, machos 115-126, fêmeas 117-130. Comprimento total, 1.517 mm (corpo 1.023 mm e cauda 494 mm).

COLORIDO EM PRESERVATIVO — Dorso e lados pardo a pardo escuro ou pardo azulado; cabeça na parte superior e lados pardo claro até a nuca; uma faixa retro-ocular estende-

se até o limite do ângulo da boca; supralabiais esbranquiçados (possivelmente amarelos em vida) e bem assim os infralabiais, mentais e gulares; ventre esbranquiçado a amarelo; o tom escuro látero-dorsal estende-se às bordas laterais das ventrais. Cauda idêntica ao corpo, superior e inferiormente. Quase todos os indivíduos com nítida faixa clara vertebral, desde a nuca até quase a região anal, normalmente marginalizada de um e outro lado por uma tonalidade mais escura.

Espécie há muito confundida com outras do gênero, em especial com indivíduos de populações geograficamente afastadas e principalmente com *Natrix cinnamomea* Wagler, segundo Hoge & Nina (1964:53) e Cunha & Nascimento (1978:62).

Natrix cinnamomea Wagler, 1824 continua um taxon mal definido, reforçado pelo suposto desaparecimento do tipo durante a Segunda Guerra Mundial. Mas, segundo o Dr. Hoge, o tal tipo teria sido reencontrado recentemente por M. Hoogmoed, do Museu de Leiden, o que poderá vir a resolver este problema.

C. fuscus ocorre em quase toda a América do Sul, desde o Panamá, Guianas, Venezuela, Colômbia, Peru e grande parte do Brasil. É espécie relativamente freqüente no leste do Pará, porém menos no Maranhão. Vive em floresta primária, firme e de igapó, capoeiras e roçados.

MATERIAL EXAMINADO — Pará, 70 espécimes; Maranhão, 5 e Amapá, 2. No Museu Nacional foram examinados 3 exemplares, dos quais um do rio Javari, próximo de Benjamin Constant e dois desta última localidade, no Amazonas.

Chironius exoletus (Linnaeus)

(Coluber) exoletus Linnaeus, 1758 (1):223. Localidade típica: Índias (in error).

Chironius exoletus; Hoge, Romano & Cordeiro, 1976/77:41.

DIAGNOSE — Dentes maxilares 26-30. Nasal dividido, às vezes imperceptível; supralabiais 9-9, (4^o, 5^o e 6^o em geral

tocando a órbita), infralabiais 10-10 normalmente, (em geral 5 em contato com o mental anterior). Escamas dorsais grandes, em 12-12-10 normalmente, com duas linhas de carenas vertebrais (o restante lisos), muito débeis nas fêmeas, às vezes só em algumas porções do dorso; escamas laterais fortemente oblíquas. Ventrais, machos, 141-154; fêmeas 139-160; caudais, machos, 121-148 e fêmeas 120-143. Comprimento total 1.290 mm (corpo 810 mm, cauda 480 mm).

COLORIDO EM PRESERVATIVO — No aspecto geral a tonalidade é o cinéreo, no dorso e lados do corpo e cauda, com as escamas apresentando uma bordadura azul escurecido, com aparência de retículo; uma tênue faixa clara vertebral orlada de pardo escuro. Parte anterior da cabeça cinéreo, posterior e nuca esbranquiçados, assim como os lados, labiais e toda a região inferior do corpo e cauda.

Foi revalidada por Hoge, Romano & Cordeiro (1976/77: 41), pois vinha sendo confundida principalmente com *C. carinatus* (Linnaeus). Cunha & Nascimento (1978:60) incorreram neste mesmo lapso, por não terem na ocasião conhecimento do trabalho daqueles autores.

É a *Chironius* mais comum no leste e sul do Pará e oeste do Maranhão. Dos 157 exemplares analisados 67 são machos e 88 fêmeas. O dimorfismo sexual é pouco acentuado, sendo porém mais perceptível nas duas nítidas carenas vertebrais nos machos, enquanto débeis nas fêmeas e bem como as ventrais um pouco menores nos machos com as caudais pouco acima das fêmeas. Ocorre em toda a Amazônia brasileira até os cerrados do Maranhão (Aldeia dos índios Guajajara) e norte de Mato Grosso. Com certeza ocorrerá no Peru, Guiana Francesa, Suriname e Guiana.

A espécie vive em todos os ambientes, como floresta primária, capoeiras e roçados, igapó, campos e cerrados. Possui hábitos semi-arborícolas e terrestres.

MATERIAL EXAMINADO — Pará, 94 exemplares; Maranhão, 61; Amapá, 1; Mato Grosso, 1. Foram ainda examinados no

Museu Nacional, dois exemplares do Estado do Amazonas, um do rio Javari, perto de Benjamin Constant e o outro de Borba no rio Madeira.

Chironius carinatus (Linnaeus)

Coluber carinatus Linnaeus, 1758:223. Localidade típica: Índias (in error).

Chironius carinatus; Ruthven, 1922:65.

DIAGNOSE — Dentes maxilares 30-35. Temporais 1+2, normalmente; supralabiais em geral 8, (4º e 5º, 5º e 6º tocando a órbita); infralabiais 10-10, (5 em contato com os mentais anteriores em geral). Escamas dorsais em 12-12-10, com duas filas de escamas laterais acentuadamente oblíquas. Ventrais 150-161 nos machos e 153 a 162 nas fêmeas; caudais 116-133 nos machos e 116 a 124 nas fêmeas. Comprimento total 1.924 mm (corpo 1.304 mm e cauda 620 mm).

COLORIDO EM PRESERVATIVO — Pardo oliváceo na cabeça e região dorsal, ora mais escuro, ora mais claro; lados tendendo ao amarelado; labiais, garganta, pescoço e todo o ventre amarelo. Escamas laterais caudais orladas de negro, com aspecto de retículo; paravertebrais grandes não oblíquas com as margens fortemente anegradas, estendendo-se até as bordas laterais das ventrais. Caudais orladas de negro com o centro esbranquiçado de caráter conspícuo.

Embora nitidamente diferenciável das cutras *Chironius*, pelo aspecto geral, tem sido muitas vezes confundida com *C. exoletus* e *C. scurrulus* por Boulenger (1894:73), Gomes (1918:66) e Cunha & Nascimento (1978:60), em cujo trabalho foram misturados exemplares de *carinatus* e *exoletus* num total de 227, dentre os quais dominava esta última forma. *C. carinatus* é pouco freqüente no leste e sul do Pará e também no Maranhão. Diferencia-se de *C. exoletus* por possuir denteição mais elevada, caudais mais baixas, colorido característico e alcançar geralmente maior tamanho. Difere também de *C. scurrulus*, não apenas pela denteição mais elevada como

pela anal inteira e pelo colorido. Ocorre em quase todo o Brasil, vivendo em floresta primária, capoeiras, cerrados, campos e caatingas. Foram examinados espécimes das savanas de Roraima, dos campos de Marajó, das matas do Amapá, Rio Javari (fronteira com o Peru), das capoeiras e babaçuais do Maranhão.

MATERIAL EXAMINADO — Pará, 3 exemplares; Amapá, 2; Maranhão, 15; Amazonas, 1; Roraima, 3. No Museu Nacional foi também examinado um indivíduo coletado em Manaus, Amazonas.

Chironius flavolineatus (Boettger)

Herpetodryas flavolineatus Boettger, 1885:234. Localidade típica: Paraguai.

Chironius flavolineatus; Bailey, 1955:13.

DIAGNOSE — Temporais 1+1; supralabiais 9-9 (4.º, 5.º e 6.º tocando a órbita); infralabiais 10-10 (5 em contato com o mental anterior). Escamas, com duas linhas carenadas vertebrais pouco acentuadas, mais fracas nas fêmeas. Ventrals 151-154, caudais 140 (em um exemplar macho completo). Comprimento total do exemplar nº 84 macho, 842 mm (corpo 510 mm, cauda 332 mm).

Nos dois espécimes, em preservativo, o colorido desvaneceu-se em grande parte, permanecendo apenas de forma evidente a faixa vertebral amarelada brilhante, que se estende da nuca até a metade do corpo; esta faixa é marginada desde os lados do pescoço até o meio do corpo e ventrais por uma tonalidade cinza escura. Ventre amarelado. Parte superior da cabeça pardo escuro; supralabiais amarelos.

É a primeira citação da ocorrência de *C. flavolineatus* na área Amazônica. Bailey (1955:15) analisou exemplares da Bahia, S. Paulo, Goiás (Goiânia) e Mato Grosso; Peters & Orejas-Miranda (1970:60), referem ainda Paraguai e Bolívia Central; Cordeiro & Hoge (1973:266) identificaram a espécie em Pernambuco.

Os dois exemplares procedem do sul do Pará: um da serra Norte (região da serra dos Carajás entre os rios Itacaiúnas e Parauapebas, às proximidades de Marabá); o outro da serra do Cachimbo, base militar da Aeronáutica, região sudoeste do Estado, limite com Mato Grosso.

Vive em áreas de vegetação aberta (cerrado ou campo cerrado). No Pará ocorrem manchas de cerrado típico, especialmente na região sul, mais acentuadamente no topo de algumas chapadas, que não apresentam mais que 600 a 700 m de altura, como as de Carajás (serras Norte e Sul) e Cachimbo. O espécime da serra Norte foi coletado pelo autor Senior, quando ali esteve realizando estudos herpetológicos e ecológicos em maio de 1969. Algumas observações sobre o ambiente ainda em estado primitivo foram publicadas por Cunha (1970).

MATERIAL EXAMINADO — 1 espécime da serra Norte (serra dos Carajás, sul do Pará) e 1 da serra do Cachimbo (sudoeste do Estado).

Chironius multiventris Schmidt & Walker

Chironius multiventris Schmidt & Walker, 1943:282. Localidade típica: Departamento de Madre de Diós, Peru.

Chironius cochranæ Hoge & Romano, (1969:93). Localidade típica: Utinga, Belém, Pará; Cunha & Nascimento, 1978:63.

DIAGNOSE — Temporais usualmente 1+2; supralabiais em geral 9-9, (4.º, 5.º e 6.º tocando a órbita); infralabiais freqüentemente 10-10, (5 em contato com o mental anterior). Escamas dorsais em 12-12-10 normalmente, com duas filas vertebrais carenadas, nos machos fortemente e débeis nas fêmeas; escamas laterais acentuadamente oblíquas, excetuando as paraventrals. Ventrals 184 a 193 nos machos e nas fêmeas 183 a 193; caudais 189-203 nos machos e 187 a 201 nas fêmeas (na coleção, há uma fêmea com 206 caudais). Comprimento total de uma fêmea, 1.975 mm (corpo 1.213 mm, cauda 762 mm).

Em preservativo o colorido fundamental do corpo e cauda apresenta-se pardo oliváceo; cabeça mais clara, na região látero-nucal mais acentuada, esboçando um colar; muitos indivíduos com uma faixa clara vertebral, marginada de pardo escuro, que inicia no pescoço e estende-se em grande parte do corpo e parte anterior da cauda; parte póstero-lateral do corpo e cauda, com barras claras transversais, espaçadas umas das outras, com o pardo escuro dos lados normalmente estendendo-se às laterais das ventrais e caudais, formando às vezes uma faixa mais enegrecida na cauda. Ventre amarelo esbranquiçado, mostrando uma linha escurecida na região mediana, inclusive na inserção das caudais. Jovens com as barras transversais claras em zig-zague, mais acentuadas que nos adultos.

Desde a descrição original a espécie foi bem caracterizada, particularmente, por possuir ventrais e caudais muito mais elevadas que qualquer outra forma de *Chironius* e pela coloração conspícua, ainda que variável dentro de uma mesma população ou de populações afastadas. Hoge (1964:54) identificou um exemplar desta espécie, coletado no Suriname. Depois, Hoge & Romano (1969:93) resolveram descrever *C. cochranæ*, baseada em um espécime de Utinga, Belém e tendo por paratípos o citado espécime e mais outro do Suriname, acrescidos de sete exemplares da Guiana. Certamente todos eles deviam ser *C. multiventris*.

Cunha & Nascimento (1978:63) identificaram 28 espécimes do leste do Pará como *C. cochranæ*, fundamentados nas explicações de Hoge & Romano (1969:93). Posteriormente ao examinarmos mais detidamente a questão, tendo por base 76 indivíduos do Pará, Maranhão e Amapá, concluímos que *cochranæ* é a mesma *multiventris* sem discrepâncias acentuadas de caráter geográfico.

Além destes, o autor Senior examinou no Museu Nacional os exemplares nº 1.503 e 1.507 de Benjamin Constant, Amazonas, identificados como *C. multiventris*. O segundo está bastante danificado, mas é idêntico ao primeiro. O

1.503, (possivelmente fêmea) em bom estado, apresenta 200 escamas ventrais e 153 caudais; 9 supra e 10 infralabiais, dos quais 5 tocam o primeiro mental. O 1.507, (possivelmente macho) tem 181 ventrais e 164 caudais; 9 supra e 10 infralabiais (5 em contato com o mental anterior). Ambos espécimes (de grande comprimento) apresentam os mesmos caracteres já assinalados para os outros da região oriental da Amazônia.

Complementamos nossas observações com os dados revelados por Dixon & Soini (1977:40) em 8 espécimes da região de Iquitos. As supostas diferenças alegadas para *C. cochranæ*, como a ausência de faixa clara vertical, e a ausência de margem escura nas ventrais e caudais, não é válida, pois tais caracteres foram encontrados na grande maioria dos exemplares estudados. A ausência dessas marcas supõem apenas variações individuais em uma população.

Espécie relativamente freqüente no Pará (especialmente na região leste), menos comum no Maranhão e, quanto ao Amapá ainda há deficiência de coleta. Sua captura tem sido efetuada em floresta primária, capoeiras e roçados.

MATERIAL EXAMINADO — Pará, 69 exemplares; Maranhão, 5; Amapá 2. Foram analisados no Museu Nacional dois exemplares de Benjamin Constant, Amazonas, coletados por A. Parko em 1942.

LOCAIS DE COLETA

Somente espécimes estudados e conservados no Setor de Herpetologia do Museu Emílio Goeldi. Detalhes mais completos, consultar mapas dos trabalhos de Cunha & Nascimento (1978 e 1982) e de Cunha (1981).

C. scurrulus

Amapá: Reserva do DNERu, rio Tracajatuba.

Maranhão: Nova Vida, BR-316, próximo do rio Gurupi; Paruá BR-316.

Pará: Santa Bárbara, estrada do Mosqueiro, Belém; Belém; Boa Vista, rio Apeú, Castanhal; Colônia Nova, BR-316, próximo do rio Gurupi; Bom Jesus, 11 km para Bragança; Km 74, BR-316; Santo Antônio do Tauá, estrada da Vigia; Km 11 da PA-332, antiga PA-70; Bela Vista, 75 km depois de Bragança; Santa Rosa, estrada da Vigia; Tomé-Açu, PA-256; Sítio Cacoal, 27 km depois de Bragança; Porto Jarbas Passarinho, Transamazônica, margem do rio Araguaia; Benevides, próximo de Belém; Tucuruí, rio Tocantins, área da Hidroelétrica.

C. fuscus

Amapá: serra do Navio; igarapé Água Branca, estrada BR-156, Município de Amapá.

Maranhão: Nova Vida, BR-316, próximo do rio Gurupi.

Pará: Estrada do Piriru, S. Caetano de Odívelas; Fazenda Real, Limondéua, próximo de Viseu; Arraial do Carmo, Inhangapi; Bela Vista, 75 km depois de Bragança; Boa Vista, rio Apeú, Castanhal; ilha do Mosqueiro; Santa Luzia, próximo de Capitão Poço; Santo Antônio do Tauá, estrada da Vigia; Peixe-Boi, estrada PA-242 (zona bragantina); Trombetinha, estrada de Salinópolis, PA-334; Colônia Nova, BR-316, próximo do Gurupi; Santa Rosa, estrada da Vigia; Santo Antônio do Tauá, estrada da Vigia; Santa Luzia, próximo de Capitão Poço; igarapé Pirajauara, Km 34 da estrada para Acará; Tomé-Açu, PA-256; Km 74 da BR-316; Curupati, rio Piriá, estrada de Viseu; Km 11 da PA-332, antiga PA-70; Bom Jesus, 11 km para Bragança; Macapazinho, rio Apeú, próximo de Castanhal; Pratinha, ramal da estrada do Mosqueiro.

C. exoletus

Amapá: Reserva do DNERu, rio Tracajatuba.

Maranhão: Gancho do Arari, BR-222, 17 km distante de Miranda; Puraqueú, 27 km de Vitória do Mearim; Nova Vida, BR-316, próximo do Gurupi; Santa Maria, BR-226, 40 km de Barra do Corda, partindo de Porto Franco; Aldeia Sapucaia, BR-226, índios Guajajara, 60 km de Barra do Corda; Paruá, BR-316; São Raimundo, BR-316, próximo de Santa Inês.

Mato Grosso: cachoeira Dardanelos, rio Aripuanã, norte do Estado.

Pará: Cachoeira do Arari, ilha de Marajó; Portel, margem direita do rio Pará; estrada do Palhão, Santarém; Bela Vista, 75 km depois de Bragança; Porto Jarbas Passarinho, Transamazônica, margem do rio Araguaia; Km 16 da estrada do Acará; Km 11 da PA-332, antiga PA-70; Povoação do Luzo, próximo do rio Ubá, estrada do Acará; Ipitinga, 72 km depois de Acará; Km 61 da PA-332, antiga PA-70; Km 12 da estrada Concórdia-Tomé-Açu; ilha do Mosqueiro; Boa Vista, rio Apeú, próximo de Castanhal; Colônia Nova, BR-316, próximo do Gurupi; Fazenda Real, Limondéua, próximo de Viseu.

C. carinatus

Amapá: Macapá.

Amazonas: Estirão do Equador, rio Javari.

Maranhão: São Raimundo, BR-316, próximo a Santa Inês; Gancho do Arari, BR-222, 17 km distante de Miranda; Vitória do Mearim, BR-222.

Pará: ilha do Mosqueiro; Ipitinga, 72 km depois de Acará; Fazenda Vencedora, Arari, ilha de Marajó.

Roraima: Colônia Coronel Mota, noroeste de Boa Vista, próximo do rio Uraricoera.

C. flavolineatus

Pará: serra Norte (serra dos Carajás, ao sul de Marabá); serra do Cachimbo, a sudoeste do Estado.

C. multiventris

Amapá: serra do Navio; Reserva do DNERu, rio Tracajatuba.
Maranhão: Nova Vida, BR-316, próximo do Gurupi; Parauá, BR-316.

Pará: Belém; ilha do Mosqueiro; Santa Bárbara, estrada do Mosqueiro, Belém; Santo Antônio do Tauá, estrada da Vigia; Boa Vista, rio Apeú, próximo de Castanhal; Peixe-Boi, PA-242; Limão Grande, estrada de Ourém; Bela Vista, 75 km depois de Bragança; Km 23 da estrada de Maracanã; Santa Rosa, estrada da Vigia; Bom Jesus, 11 km para Bragança; Macapazinho, rio Apeú, próximo de Castanhal; Marauá, próximo de Curuçá; Trombetinha, estrada de Salinópolis; Jenipauá, Benevides (ramal da estrada do Mosqueiro); Pratinha (ramal da estrada do Mosqueiro); Km 16 da estrada do Acará; Igarapé Pirajauara, estrada do Acará, partindo da BR-010; Santa Luzia, próximo de Capitão Poço; Curupati, rio Piriá, estrada de Viseu; Vila Nova, km 71 depois de Tomé-Açu; São Pedro, próximo de Capitão Poço; Colônia Nova, BR-316, próximo do Gurupi; Sítio Bela Vista, Km 135 da PA-332, antiga PA-70; São Raimundo, área da Empresa Agro-industrial Jari, rio Jari; km 74 da Transamazônica (Altamira-Itaituba); Km 11 da PA-332, antiga PA-70.

AGRADECIMENTOS

Ficam os autores agradecidos ao Auxiliar do Setor de Herpetologia, Reinaldo R. de Moraes pelo serviço datilo-

gráfico e bem assim ao Dr. William Overal, chefe do Setor de Invertebrados do Museu Emilio Goeldi, pelo resumo em inglês.

SUMMARY

This study is a contribution to our knowledge of the species of *Chironius* Fitzinger of the eastern Amazon Basin comprising Amapá, Pará, and Maranhão. The analysis was complemented with data on specimens from Roraima, Amazonas, and the north of Mato Grosso. The objective of the study was the reevaluation of the following species: *C. scurrulus* (Wagler), *C. fuscus* (Linnaeus), *C. exoletus* (Linnaeus), *C. carinatus* (Linnaeus), *C. flavolineatus* (Boettger), and *C. multiventris* Schmidt & Walker. This paper is a synthesis of a larger study which was presented at the Symposium on Snakes and Venomous Arthropods held in November, 1981, at the Butantan Institute in São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAILEY, Joseph R.
1955 — The snakes of the genus *Chironius* in southeastern south America. *Occ. pap. Mus. Zool. Univ. Michigan*, 571: 1-21.
- BOETTGER, Oskar
1885 — Liste von Reptilien und Batrachiern aus Paraguay. *Zeitschr. Naturw.*, 58: 213-248.
- BOULENGER, Georges A.
1894 — *Catalogue of the snakes in the British Museum (Natural History)*. London. v. 2. 383p. 20 pls.
- CORDEIRO, Carmen L. & HOGE, Alphonse R.
1973 — Contribuição ao conhecimento das serpentes do Estado de Pernambuco. *Mem. Inst. Butantan*, S. Paulo, 37: 261-290.
- CUNHA, Osvaldo R. da
1970 — Uma nova subespécie de quelônio, *Kinosternon scorpioides carajaensis* da Serra dos Carajás, Pará (Testudinata: Kinosternidae). *Bol. Mus. Pa. Emilio Goeldi*, n. sér. Zool., 74. 8p.

- CUNHA, Osvaldo R. da & NASCIMENTO, Francisco P. do
1978 — Ofídios da Amazônia. X — As cobras da Região leste do Pará. **Publ. Av. Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, 31. 218p. il. mapa.
- DIXON, James & SOINI, Pekka
1977 — The reptiles of the upper Amazon Basin, Iquitos region, Peru. II. Crocodylians, Turtles and Snakes. **Contr. Biol. Geol. Milwaukee. Publ. Mus.**, 12 1-91. il.
- FITZINGER, L.
1826 — **Neue Classification der Reptilien nach ihren natürlichen Verwandtschaften nebst einer Verwandtschafts-Tafel und einem Verzeichnisse der Reptilien-Sammlung des K.K. zoologischen Museums zu Wien**. Wien, J. G. Heubner. 66p.
- GASC, Jean-Pierre & RODRIGUES, M.T.
1980 — Liste préliminaire des Serpents de la Guyane française. **B. Mus. Nat. Hist. Natur.**, Paris, 2 (2): 559-598. 1 mapa.
- GOMES, João F.
1918 — Contribuição para o conhecimento dos ophídios do Brasil — III (1). **Mem. Inst. Butantan**, S. Paulo. 1 (1): 57-83. 1 est
- HOGÉ, Alphonse R.
1964 — Serpentes da Fundação "Surinaam Museum", **Mem. Inst. Butantan**, S. Paulo, 30: 51-64. (1960/62).
- HOGÉ, Alphonse R. & NINA, Afonso C.M.
1964 — Serpentes coletadas pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. **Mem. Inst. Butantan**, S. Paulo, 30: 71-83, 11 est. (1960/62).
- HOGÉ, Alphonse R. & ROMANO, Sylvia L.
1969 — A new species of **Chironius** (Serpentes: Colubridae) **Mem. Inst. Butantan**, S. Paulo, 34: 93-96.
- HOGÉ, Alphonse R.; ROMANO, Sylvia L. & CORDEIRO, Carmem L.
1976/77 — Contribuição ao conhecimento das serpentes do Maranhão, Brasil (Serpentes: Boidae, Colubridae e Viperidae). **Mem. Inst. Butantan**, S. Paulo, 40/41: 19-36.
- LINNAEUS, Carolus
1758 — **Systema Naturae per regna tria naturae, secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis**. 10. ed. Holmiae, Laurentii Salvii. v. 1: Regnum animale. 338p.
- PETERS, J.A. & OREJAS-MIRANDA, B.
1970 — Catalogue of the Neotropical Squamata: Part I. Snakes. **Bull. U.S. Nat. Mus.**, Washington, 297: 1-347.

- RUTHVEN, Alexander G.
1922 — The Amphibians and Reptiles of the Sierra Nevada de Santa Marta, Colombia. **Mus. Zool. Univ. Michigan Misc. Publ.**, 8: 5-69. 6 est.
- SCHMIDT, Karl P. & WALKER, Warren F.
1943 — Peruvian snakes from the University of Arequipa. **Publ. Field. Mus. Nat. Hist. Zool. ser.**, Chicago, 24 (26): 279-296.
- WAGLER, J.
1824 — **Serpentum brasiliensium species novae ou Histoire Naturelle des espèces nouvelles de serpents, recueillies et observées pendant le voyage dans l'intérieur du Brésil dans les années 1817, 1818, 1819, 1820, executé par ordre de Sa Majesté le Roi de Bavière, publiée par Jean de Spix, ... , écrite d'après les notes du voyageur par Jean Wagler**. Monachii, Franc. Seraph. Hübschmann. VIII + 75p. 26 pls.

(Aceito para publicação em 29/07/82)